

RELAÇÃO ENTRE FELICIDADE E ALEGRIA NA *ÉTICA* DE SPINOZA

Edjan Cardoso Bidú*

RESUMO: Muitos filósofos, de diferentes épocas, dedicaram esforços para fundamentar a possibilidade ou não de uma vida feliz. Uns acreditam que a felicidade é possível, já outros não. Dentre estes primeiros encontra-se o filósofo holandês Benedictus de Spinoza. Para este filósofo, o desejo, movimentando positivamente toda a existência, constitui o bem. O bem é a alegria ativa, proveniente de uma ação livre. Essa liberdade é possível através da dinamicidade do trabalho racional, rumo ao conhecimento verdadeiro, o conhecimento de Deus. O resultado sensível de todo este empreendimento filosófico-existencial é visível na alegria. A alegria é, portanto, o resultado sensível que evidencia a felicidade enquanto processo realizado e vivido. A relação entre felicidade e alegria, na filosofia de Spinoza, especialmente na sua obra principal, a *Ética*, é intrínseca. Como ocorre esta relação? Quais as condições antropológicas apresentadas pelo filósofo holandês que permitem entrever esta relação? Esta é uma relação necessária ou natural? Ela é (está) acessível a todos os homens em todas as épocas? Responder essas questões é o que pretende o presente trabalho.

PALAVRAS-CHAVE: Deus. Razão. Alegria. Felicidade.

1. INTRODUÇÃO

Desde os tempos mais antigos os seres humanos buscam a felicidade. Senão todos, a maioria deles, de modo que esse tema é sempre atual, ainda que seja

* Graduada em Filosofia pela Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB). E-mail: edjfab@hotmail.com. Uma versão ampliada do presente texto, com título idêntico, foi Apresentada como Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), junto ao Colegiado do Curso de Filosofia da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB).



abordado de forma diferente. O nosso trabalho não tem a pretensão de apresentar uma receita para alcançar a felicidade. Antes, tem a função de fazer uma reflexão sobre o tema, buscando dialogar com Spinoza, tendo como fio condutor a reflexão acerca da possibilidade de uma vida feliz, compreendendo o que é felicidade para ele e como o desejo e a razão, sintonizados positivamente, culminam numa alegria ativa, proporcionando a beatitude. A relação entre felicidade e alegria é uma relação importante na filosofia de Spinoza e ponto de partida e chegada do agir humano. O homem, neste contexto da filosofia spinozana, é concebido de modo integral, enquanto ser de desejos e paixões. A felicidade é algo que envolve o homem em todas as suas dimensões e a alegria é a expressão mais visível desta integração entre as faculdades humanas.

O estudo desta temática visa demonstrar a íntima relação que há entre felicidade e alegria na proposta ética de Spinoza. Esta relação é coerente com o caráter geral de sua filosofia da imanência, diferindo, assim, de outras propostas éticas apresentadas pela tradição filosófica. Ao estabelecer esta relação entre alegria e felicidade, a presente pesquisa apresentará uma proposta ética dentro e nos moldes do projeto moderno de caracterizar a vida feliz como resultado do correto uso das faculdades humanas, centrada na concepção de homem enquanto dois modos finitos de ser: corpo e mente.

É sabido o quanto o desejo, para Spinoza, é o grande motivador que impulsiona a razão a trabalhar em prol de uma autonomia que culminará na felicidade, ou seja, na beatitude. É na *Ética* que ele aborda esse assunto e é nesse “porto” que este trabalho busca ancorar para, a partir dele, estabelecer um diálogo com o autor sobre felicidade em sua relação com a alegria. A felicidade é um tema importante dentro da proposta ética de Spinoza e a sua abordagem é inovadora, à medida que prescinde do caráter teleológico e descreve a vida feliz a partir da sua



manifestação sensível, quer dizer, através da alegria. Para este autor a vida ética, sinônimo de vida feliz, não é algo que está fora do alcance do homem e sim presente no modo como este conduz a sua vida, através do uso das suas faculdades.

Assim, para facilitar a compreensão, apresentaremos dois momentos neste trabalho. O primeiro, correspondente ao tópico 2, tem como título *Uma unidade chamada corpo e mente e o seu encontro com os afetos*; o segundo, referente ao tópico 3, intitulado *Razão intuitiva, caminho de alegria rumo à felicidade*.

2. UMA UNIDADE CHAMADA CORPO E MENTE E O SEU ENCONTRO COM OS AFETOS

Neste momento do texto teremos: uma exposição da compreensão spinozana do corpo e da mente, atributos que formam uma unidade; e, a partir dos afetos de desejo, alegria e tristeza (os afetos primários), mostraremos a origem dos demais afetos e a importância dessa delimitação, que não se encerra em si, mas que tem como finalidade alcançar a felicidade.

2.2 CORPO E MENTE

No sistema filosófico de Spinoza não existe mais de uma substância, a única substância é Deus. Fora de Deus há os modos, que por sua vez, não são causa de si e emanam de Deus. O homem é um desses modos e é composto de corpo e mente¹. O

¹ Alguns tradutores, segundo Charles Ramond, sobretudo os franceses, costumam traduzir o termo latim "mens" por "âme" (alma) por não ter outro equivalente em francês. Esse mesmo autor fala da concepção de alma em Spinoza: "Trata-se de uma concepção totalmente nova e original da alma e, portanto, do problema clássico da união ente alma e corpo". A alma já não garante a ligação entre as partes do corpo, tampouco é o senhor (ou o escravo) do corpo: é a sua ideia, ou seja, o estrito equivalente, no plano do pensamento, do que o corpo é no plano da extensão (Cf. RAMOND, 2010).



corpo é a forma de expressão da ideia, enquanto atributo extensão; a mente é a ideia desse corpo, enquanto atributo pensamento. Segundo o filósofo holandês, Deus possui infinitos atributos, mas o homem só conhece esses dois: o atributo pensamento e o atributo extensão. Esses dois atributos formam uma unidade indissolúvel:

Tudo aquilo que acontece no objeto da ideia que constitui a mente humana deve ser percebido pela mente humana, ou seja, a ideia daquilo que acontece nesse objeto existirá necessariamente na mente; se o objeto da ideia que constitui a mente humana é um corpo, nada poderá acontecer nesse corpo que não seja percebido pela mente (*E*, II, prop. 12²)

O homem é, portanto, a unidade do corpo e da mente. Tomemos como exemplo uma mulher que descobre que está grávida, seu corpo começa a sofrer algumas alterações, estas são sentidas fisicamente ao passo que também são percebidas pela mente. O bebê que está sendo gerado em seu ventre é ao mesmo tempo uma ideia em sua mente e uma realidade física em seu corpo.

Não obstante, segundo Spinoza, o corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, como podemos comprovar nesse trecho: "O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior nem menor" (*E*, III, post. 1).

O corpo humano possui uma potência de agir e esta potência pode ser estimulada ou desestimulada, dependendo da maneira como o corpo é afetado: "Por

² Nas citações específicas da *Ética*, além da letra *E* indicando a obra serão utilizadas as seguintes abreviaturas (com letra minúscula): app. = Apêndice; ax. Axioma; c = Corolário; d = Demonstração; def. = Definição; exp. = explicação; pref. = Prefácio; prop. = Proposição; s = Escólio. *Exemplo*: "Tudo o que existe, existe ou em si mesmo ou em outra coisa" (*E*I, ax.1) = *Ética*, livro I, axioma 1.



afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções” (*E*, III, def. 3). A partir desta definição de afetos, percebemos que estes são muitos. Para Spinoza é importante entender a força que eles têm, bem como o poder da mente sobre eles.

No processo de compreensão da força dos afetos e o seu poder sobre a mente, o filósofo acha desnecessário estudar de maneira particular cada um dos afetos. Opta, então, por uma definição geral, visando compreender as propriedades comuns dos mesmos:

De fato, para o que nos propomos, que é determinar a força dos afetos e a potência da mente sobre eles, basta-nos ter uma definição geral de cada afeto. Basta-nos, afirmo, compreender as propriedades comuns dos afetos e da mente para que possamos determinar qual e quão grande é a potência da mente na regulação e no refreio dos afetos (*E*, III, prop. 56 s).

A delimitação dos afetos é, em termos tradicionais, a antropologia de Spinoza, no interior do seu sistema imanentista e, por isso mesmo, não encerra, em si, um sentido completo. Esta delimitação é, antes de mais nada, um meio para alcançar um fim: a beatitude (a vida feliz), descrita na Quinta parte da *Ética*.

2.3 DESEJO, ALEGRIA E TRISTEZA

Como procuramos apresentar no tópico anterior, Spinoza não acha necessário estudar, detalhadamente, cada afeto. Em seus estudos, ele destaca três afetos principais, dos quais derivam todos os outros. São eles: desejo, alegria e tristeza. Estes recebem o qualitativo de afetos primários. A teoria dos afetos, de Spinoza,



parte da afirmação e aceitação do seguinte pressuposto: tudo que existe procura se esforçar para continuar existindo.

Tudo que existe, além de Deus, são modos que emanam desta substância perfeita e infinita (Deus). É por meio dos atributos divinos que esses modos expressam sua participação na divindade. Spinoza deixa claro que os modos não se confundem com Deus, mas participam de sua divindade por meio dos atributos divinos. Ora, se os atributos de Deus (que é infinito e perfeito) estão nos modos, estes só podem aspirar à perfeição, ainda que sejam finitos e limitados. Seria, portanto, absurdo que houvesse neles algo que fosse contra a sua própria existência.

O homem é um modo composto por dois atributos divinos: corpo e mente (extensão e pensamento), ele também, como os demais modos, se esforça para perseverar em seu ser. Dessa forma, ainda que a mente tenha ideias inadequadas, não deixa de se esforçar por perseverar, mesmo tendo diminuída a sua potência de agir.

Spinoza afirma que o esforço, através do qual cada coisa busca perseverar em seu ser, é a sua própria essência atual e permanece nela por tempo indefinido. No homem, Spinoza diz que esse esforço, quando se refere apenas à mente, é chamado de vontade; mas se, ao mesmo tempo, se refere à mente e ao corpo é chamado de apetite³. Ora, se o esforço é a essência da coisa, então, o apetite é a essência do homem. Não obstante, o filósofo holandês assegura que apetite é sinônimo de desejo:

³ "O apetite humano é uma realidade psicofísica que implica uma relação ao mesmo tempo à mente e ao corpo e não pode explicar-se sem essa dupla referência. [...]. Se a afecção engloba qualquer estado inato ou adquirido da essência, o apetite figura na categoria das afecções nativas. Embora possa modificar-se no curso do tempo, é por natureza uma afecção inata da essência humana, um estado dado, que determina o homem a agir em vista de se conservar" (JAQUET, 2011, pp. 124-125).



Além disso, entre apetite e desejo não há nenhuma diferença, excetuando-se que, comumente, refere-se o desejo aos homens à medida que estão conscientes de seu apetite. Pode-se fornecer, assim, a seguinte definição: o desejo é o apetite juntamente com a consciência que dele se tem. Torna-se, assim, evidente, por tudo isso, que não é por julgarmos uma coisa boa que nos esforçamos por ela, que a queremos, que a apeteçamos, que a desejamos, mas ao contrário, é por nos esforçarmos por ela, por querê-la, por apeteçê-la, por desejá-la, que a julgamos boa (*E*, III, prop. 9, s).

O autor da *Ética* desfaz um nó, que, por vezes, pode povoar a mente do senso comum: uma coisa é boa e, por isso, a desejamos, ou porque a desejamos que a julgamos boa? Spinoza não deixa dúvida: se o desejo é um afeto inato, ele vem primeiro, ou seja, é porque desejamos algo que o julgamos bom.

Além do desejo, na Terceira parte, Spinoza descreve mais dois afetos: alegria e tristeza. Estes afetos, segundo ele, junto com o desejo, são os três afetos primitivos (como dissemos no primeiro parágrafo desse tópico), dos quais derivam todos os demais afetos:

Vemos, assim, que a mente pode padecer grandes mudanças, passando ora a uma perfeição maior, ora a uma menor, paixões essas que nos explicam os afetos da alegria e da tristeza. Assim, por alegria compreenderei, daqui por diante, uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição maior. Por tristeza, em troca, compreenderei uma paixão pela qual a mente passa a uma perfeição menor. Além disso, chamo o afeto da alegria, quando está referindo simultaneamente à mente e ao corpo, de excitação ou contentamento; o da tristeza, em troca, chamo de dor ou melancolia. Deve-se observar, entretanto, que a excitação e a dor estão referidos ao homem quando uma de suas partes é mais afetada do que as restantes; o contentamento e a melancolia, por outro lado, quando todas as suas partes são igualmente afetadas. Quanto ao desejo, expliquei-o no esc. Da prop. 9. Afora esses três, não reconheço nenhum outro afeto primário (*E*, III, prop. 11, s).



Se todos os afetos derivam dos três afetos primários, conhecendo a natureza desses três conheceremos a natureza de todos os outros. O filósofo holandês, ao tratar da alegria como afeto que aumenta a potência de agir e da tristeza como o afeto que diminui a potência de agir, nos oferece – a todos que se dedicam a entender a relação entre felicidade e alegria – importantes pistas para a relação de proximidade entre alegria e felicidade.

Spinoza demonstra como o homem pode ser afetado das mais diversas maneiras. Na Quarta parte, no entanto, ele tratará com mais afinco acerca do poder que tem os afetos sobre o homem. Quando este não consegue controlar ou refrear os afetos, passa à condição de escravo deles. Eis o que ele afirma no Prefácio da Quarta parte:

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto o pior (*E, IV, pref.*).

Se a alegria aumenta a potência de agir, deixando o homem livre, o contrário ocorre quando o afeto impera, ou seja, quando ele domina o homem. Uma vida de servidão não é natural, pois embora o homem saiba o que é certo fazer, acaba fazendo o que é errado. No entanto, Spinoza adverte que, “Um afeto não pode ser refreado nem anulado senão por um afeto contrário e mais forte do que o afeto a ser refreado” (*E, IV, prop. 7*). Uma pessoa dominada pelo afeto do ódio só refreará esse afeto, se, em contrapartida, for afetada em maior intensidade pelo amor (que é o afeto contrário ao ódio).

Para Spinoza, conhecer é fundamental, pois o conhecimento de si e dos seus afetos, dá ao homem condições de entendimento acerca daquilo que aumenta a sua



potência de agir e também daquilo que a diminui. Todavia, ele afirma que há três gêneros de conhecimento, cada um com seu grau de abrangência na forma de conhecer. Dentre estes, o filósofo elege um como sendo o mais perfeito. É o que veremos a seguir.

3. CONHECIMENTO INTUITIVO, CAMINHO DE ALEGRIA RUMO À FELICIDADE

Refletiremos, neste momento do texto, acerca dos três gêneros de conhecimento descritos por Spinoza, enfatizando a primazia dada por ele ao terceiro gênero (Conhecimento intuitivo), que conduz ao conhecimento de Deus. Concluiremos nosso trabalho apresentando a relação entre felicidade e alegria, bem como a proposta de uma vida feliz.

3.1 OS TRÊS GÊNEROS DE CONHECIMENTO

Spinoza diz que há três gêneros de conhecimento⁴ que podemos alcançar: opinião, verdadeira crença e conhecimento claro e distinto. O primeiro trata-se de uma consciência rasa, proveniente do ouvir dizer; o segundo é referente ao conhecimento racional que busca entender, explicar; o terceiro é o conhecimento claro, o ápice que a razão pode alcançar em matéria de conhecer, é o conhecimento intuitivo. O primeiro gênero Spinoza diz que é o mais frágil, pois está sujeito a erros; já o segundo e o terceiro não estão sujeitos ao erro, no entanto ele concede ao

⁴ No *Breve tratado*, Spinoza fala sobre os conceitos ou a consciência do conhecimento: "Adquirimos esses conceitos: 1. Simplesmente por crença (que provém ou da experiência ou do ouvir dizer). 2. Ou bem por uma verdadeira crença. 3. Ou bem por uma intelecção clara e distinta. O primeiro modo está geralmente sujeito a erro; o segundo e o terceiro, embora difiram um do outro, não podem propriamente levar a erro" (SPINOZA, 2012, p.92).



terceiro gênero a primazia por ser o mais perfeito e o caminho para a maior satisfação:

A virtude suprema da mente consiste em conhecer a Deus (pela prop. 28 da P. 4), ou seja, em compreender as coisas por meio do terceiro gênero de conhecimento (pela prop. 25), virtude que é tanto maior quanto mais a mente conhece as coisas por meio desse mesmo gênero (pela prop. 24). Por isso, quem conhece as coisas por meio desse gênero de conhecimento passa a suprema perfeição humana e, conseqüentemente (pela def. 2 dos afetos), é afetado da suprema alegria, a qual (pela prop. 43 da P. 2) vem acompanhada da ideia de si mesmo e de sua própria virtude. Logo (pela def. 25 dos afetos), desse terceiro gênero de conhecimento provém a maior satisfação que pode existir (*E, V, prop. 27, d*).

Percebemos aqui, claramente, a razão pela qual Spinoza concede ao terceiro gênero do conhecimento o mais alto grau de relevância. É através desse gênero (conhecimento intuitivo) que o homem alcança a suprema liberdade ou felicidade.

Na Quarta Parte da *Ética*, Spinoza afirma: "Apenas à medida que vivem sob a conduta da razão, os homens concordam, sempre e necessariamente, em natureza" (*E, IV, prop. 35*). O homem é parte da natureza; ele é um modo de ser que se apresenta na unidade do corpo e da mente; ele possui uma potência que se esforça para perseverar em seu ser; esse esforço é o desejo de viver:

A mente, quando raciocina, busca sempre compreender. No entanto, ela só compreende quando possui ideias adequadas. Quando a mente possui ideias adequadas, compreende verdadeiramente. Deste modo, o homem, conduzido pela razão, tem maior conhecimento de si e de Deus (que é causa imanente de tudo que existe, inclusive dele). Se Deus é a única substância, causa imanente de tudo que existe, então, o conhecimento de Deus é o bem maior que a mente pode aspirar conhecer.



Todavia, o homem, conduzido pela razão, não está isento de ser submetido às paixões, como afirma Spinoza: “Disso se segue que o homem está sempre, necessariamente submetido às paixões, que segue a ordem comum da natureza, que a obedece e que, tanto quanto o exige a natureza das coisas, a ela se adapta” (*E, IV, prop. 4, c*). Mas há um diferencial, pois o homem quando reflete, na busca de conhecer a natureza de um afeto confuso (paixão) e dele tem uma ideia clara, por utilizar a razão nesta busca, deixa de sofrer os efeitos desta paixão, colocando-se em condições de controlar ou refrear este ou aquele afeto confuso.

Como é comum ao pensador do século XVII, também para Spinoza, é importante para o homem ser guiado pela razão. Uma vez que ele não pode evitar ser atingido por alguma paixão, sofrerá menos, tendo o conhecimento claro e distinto dela. Por tudo isso, buscar e defender uma autonomia para a razão é imprescindível e essa defesa não se apresenta apenas como um discurso, mas deve fazer-se ato na vida de cada homem, cuja realização sempre lhe é muito cara.

3.2 RELAÇÃO ENTRE FELICIDADE E ALEGRIA

É chegada à hora de adentrarmos na relação entre felicidade e alegria. Para Spinoza, a felicidade (beatitude) consiste em amar a Deus. O nosso amor para com Deus é o mesmo amor de Deus para conosco.

O homem é o caminho para conhecer a Deus e conhecer a si mesmo. À medida que o homem conhece a si próprio, ele se aproxima do conhecimento de Deus. O filósofo holandês pressupõe, portanto, que quanto mais o homem conhece a si e os seus afetos, mais ele aumentará a sua potência de agir. A alegria é a expressão sensível da felicidade.



Quem compreende clara e distintamente a si próprio e os seus afetos, alegra-se (pela proposição 53 da P. 3), com uma alegria que vem acompanhada da idéia de Deus (pela prep. Prec.). Portanto (pela def. 6 dos afetos), ama a Deus, e (pela mesma razão) tanto mais ama quanto mais compreende a si próprio e os seus afetos (*E, V, prop. 15, d*).

Entendemos aqui que a alegria é a manifestação sensível da felicidade, uma vez que a felicidade é sinal da presença da alegria. Spinoza demonstra, assim, a íntima relação que há entre ambas. O filósofo francês, Robert Misrahi, acerca da alegria na visão de Spinoza, assegura: “Só a filosofia de Spinoza reserva à alegria (e ao desejo do qual ela é a forma afirmativa), um lugar ao mesmo tempo decisivo, essencial e fundador. Toda a ética de Spinoza é uma ética da alegria, e toda sua filosofia é uma ética da alegria e da beatitude” (MISRAHI, 2001, p. 82).

Nessa perspectiva, o desejo, proveniente da alegria, é mais forte do que o desejo proveniente da tristeza. Pois o primeiro vai de encontro com a natureza, uma vez que tudo que existe segue o propósito de perseverar em seu ser; já o segundo diminui a potência de agir fazendo com que o indivíduo padeça.

Quando Spinoza defende a busca do conhecimento de si, o perpétuo esforço para perseverar em seu ser o quanto for possível, pode soar como uma proposta egoísta. Todavia isso é um preconceito que deve ser esclarecido, pois, o próprio autor explica⁵ a universalidade desta busca: “Disso se segue que os homens que se regem pela razão, isto é, os homens que buscam, sob a condução da razão, o que lhe é útil,

⁵ Spinoza, no *Tratado da reforma da inteligência*, aproxima aquele esforço inscrito na natureza àquele esforço que cada homem deve fazer, para realizar este propósito: “Eis, pois, o fim a que tendo: adquirir essa natureza e esforçar-me para que, comigo, muitos outros a adquiriam, isto é, faz parte da minha felicidade o esforçar-me para que muitos outros pensem como eu e que seu intelecto e seu desejo coincidam com o meu intelecto e o meu desejo; e, para que isso aconteça, é necessário compreender a Natureza tanto quanto for preciso para adquirir aquela natureza; e depois formar a sociedade que é desejável para que o maior número possível chegue fácil e seguramente àquele objetivo (SPINOZA, 2004, p. 11).



nada apetece para si que não deseje também para os outros e são, por isso, justos, confiáveis e leais” (*E*, IV, prop. 18, s). Notamos, por meio dessa citação que, aquilo que o autor da *Ética* propõe não é buscar uma vida feliz que possa ser vivida isoladamente. A felicidade, da forma que é apresentada por Spinoza, quanto mais pessoas dela participar, melhor. Nada é mais útil ao homem do que o próprio homem, neste percurso de ser e viver feliz.

Quanto ao supremo bem, que é o conhecimento de Deus (como nós já vimos anteriormente), todos podem ter acesso, ou seja, atingir a vida feliz. A maneira que ele concebe a aquisição da felicidade não é algo impossível ao homem. Ao contrário, todos podem alcançar, visto que todos são da mesma natureza e é próprio da natureza da razão compreender. No entanto, mesmo estando ao alcance de todos, nem todos se esforçam para alcançar o supremo bem:

Percebe-se facilmente, enfim, pelo que foi anteriormente dito, a diferença entre a verdadeira virtude e a impotência: a verdadeira virtude nada mais é do que viver exclusivamente sob a condução da razão, enquanto a impotência consiste em o homem se deixar conduzir apenas pelas coisas que estão fora dele e em ser determinados por elas a fazer aquilo que o arranjo ordinário das coisas exige e não aquilo que exige a sua própria natureza, considerada em si mesma (*E*, IV, prop. 37, s 1).

O homem, dominado pela paixão, torna-se impotente, sua mente utiliza ideias inadequadas que o impede de usar a razão e, por isso, em vez de agir, ele padece. A vida feliz pode ser alcançada pelo homem, mas este precisa se esforçar na busca do conhecimento de si e de seus afetos, vida feliz, expressa através da alegria, é ação e aumenta a potência de agir, à medida que supera os afetos que a diminuem.

Para Spinoza, portanto, a alegria é o ponto de partida e o ponto de chegada. A relação entre felicidade e alegria é uma relação necessária: a alegria aumenta a potência de agir, gerando felicidade, e a felicidade se manifesta por meio da alegria.



3.3 PROPOSTA DE UMA VIDA LIVRE E FELIZ SOB A LUZ DA RAZÃO

O amor a Deus é o mesmo amor de Deus para conosco, segundo o filósofo holandês. Assim, esse amor não tem fim, e, quando amamos a Deus, participamos do seu amor infinito, ainda que sejamos limitados pela finitude. Como esse amor é eterno, participar desse amor é a verdadeira felicidade (beatitude).

Disso se segue que Deus, à medida que ama a si mesmo, ama os homens e, conseqüentemente, que o amor de Deus para com os homens e o amor intelectual da mente para com Deus são uma só e mesma coisa. [...]. Por tudo isso, compreendemos claramente em que consiste nossa salvação, beatitude ou liberdade: no amor constante e eterno para com Deus, ou seja, no amor de Deus para com os homens (*E, V, prop. 36, c, s*).

O autor da *Ética*, ao tratar da liberdade, que consiste no amor para com Deus, procura reconhecer e definir a liberdade a partir da imanência e não do livre-arbítrio. Embora somente Deus seja totalmente livre, o homem, marcado por um determinismo, quando busca ser guiado pela razão, tendo na mente ideias claras e distintas, caminha rumo ao conhecimento de si e dos seus afetos, age mais e padece menos. Nessa perspectiva, o homem ganha em autonomia de pensamento, o que lhe propicia uma liberdade. Ser livre, para Spinoza, é ser determinado.

O homem, guiado pela razão, é mais livre, como acabamos de ver; ele busca perseverar em seu ser e, vivendo em sociedade, buscará obedecer às leis civis, por convicção e não por medo. Ele tem consciência que, para perseverar em seu ser, é imprescindível manter o bem comum, ou seja, o que ele não quer para si, não desejará para o outro; não corrompe e nem se deixa corromper; não semeia a discórdia; não propaga o ódio, antes, busca aplacá-lo com o amor.



O filósofo holandês não tem uma receita para a felicidade. Na verdade, propõe um caminho, como esse texto conclusivo da Quarta parte deixa claro:

A potência humana é, entretanto, bastante limitada, sendo infinitamente superada pela potência das causas exteriores. Por isso, não temos o poder absoluto de adaptar as coisas exteriores ao nosso uso. Contudo, suportaremos com equanimidade os acontecimentos contrários ao que postula o princípio de atender à nossa utilidade, se tivermos consciência de que fizemos nosso trabalho; de que a nossa potência não foi suficiente para poder evitá-las; e de que somos uma parte da natureza inteira, cuja ordem seguimos. Se compreendermos isso clara e distintamente, aquela parte de nós que é definida pela inteligência, isto é, a nossa melhor parte, se satisfará plenamente com isso e se esforçará por perseverar nessa satisfação. Pois, à medida que compreendemos, não podemos desejar senão aquilo que é necessário, nem nos satisfazer, absolutamente, senão com o verdadeiro. Por isso, à medida que compreendemos isso corretamente, o esforço da melhor parte de nós está em acordo com a ordem da natureza inteira (*E, IV, cap. 32, app*).

O caminho que Spinoza propõe pode ser trilhado por qualquer pessoa em nossos dias. A felicidade é uma virtude. Nós a desfrutamos não por refrearmos os afetos, mas os refreamos porque a desfrutamos. Acerca desse caminho Spinoza afirma o seguinte:

Se o caminho, conforme já demonstrei, que conduz a isso parece muito árduo, ele pode, entretanto, ser encontrado. E deve ser certamente árduo aquilo que tão raramente se encontra. Pois se a salvação estivesse à disposição e pudesse ser encontrada sem maior esforço, como explicar que ela seja negligenciada por quase todos? Mas tudo o que é precioso é tão difícil como raro (*E, V, prop. 42, s*).

Para Spinoza, a proposta de uma vida ética é sinônimo de uma vida feliz. Esta felicidade pode se manifestar, sensivelmente, na alegria. Esta proposta é possível e está ao alcance de todo o homem que busca realizar o seu modo de ser finito,



através do uso da razão. O caminho não é fácil. Na verdade, é árduo. Mas o que se alcança, ao trilhá-lo, é de valor ímpar.

4. CONCLUSÃO

O tema felicidade faz parte da tradição filosófica, ao passo que é também um tema dos nossos dias. Todas as pessoas, em alguma medida, pensam nela, ainda que seja para contestar a sua possibilidade de ser alcançada. A *Ética* de Spinoza traz uma reflexão sobre esse assunto, e, embora seja uma obra do século XVII, seu conteúdo é bastante atual. Nosso empreendimento neste trabalho foi tratar da relação entre felicidade e alegria, nessa obra tão importante do filósofo holandês.

A visão que Spinoza tem acerca da vida feliz é coerente com a sua teoria de Deus como causa imanente de todas as coisas. O homem não é uma substância, mas um modo que emana da única substância. Ele é o resultado da unidade de corpo e mente que são atributos de Deus. Como tudo que existe, o homem busca perseverar em seu ser, preservando e aumentando a sua potência de agir. Esta aumenta ou diminui, conforme seja afetada. As diferentes formas que afetam a potência são chamadas de afetos, que por sua vez derivam de dois afetos primários: alegria e tristeza. A primeira aumenta a potência de agir, a segunda, ao contrário, diminui.

Assim, a relação entre felicidade e alegria ocorre da seguinte maneira: o afeto da alegria aumenta a potência de agir e esse aumento propicia uma satisfação que pode ser mostrada, sensivelmente, na alegria. A alegria é, pois, o ponto de partida e o ponto de chegada da vida feliz. Spinoza diz que a alegria maior é a do conhecimento de Deus, conhecimento este que passa pelo conhecimento de si: quanto mais o homem conhece a si e os seus afetos, mais ele se aproxima do conhecimento de Deus e se alegra.



O homem ético experimenta uma satisfação perene que se traduz na maior alegria: a vida feliz, a felicidade/beatitude, é uma relação necessária. Uma relação que o homem de todas as épocas pode buscar desde que esteja disposto a fazer o bom uso da razão. O próprio Spinoza, em sua trajetória de vida, trilhou esse caminho e sabia que era árduo o esforço, mas sabia também que o resultado encontrado, para quem o trilha, é precioso.

REFERÊNCIAS

ESPINOSA, Baruch. **Breve tratado de Deus, do homem e do seu bem-estar**. Belo Horizonte: Autêntica, 2012.

_____. **Tratado da reforma da inteligência**. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

JAQUET, Chantal. **A unidade do corpo e da mente**: afetos, ações e paixões em Espinosa. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

MISRAHI, Robert. **A felicidade**: ensaio sobre a alegria. Rio de Janeiro: DIFEL, 2001.

RAMOND, Charles. **Vocabulário de Espinosa**. São Paulo: Martins Fontes, 2010.

SPINOZA, Benedictus de. **Ética**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.



Edjan Cardoso Bidú

<http://lattes.cnpq.br/7746059257514468>

